

UMA POÉTICA DE CONTRADIÇÕES: MITO E HISTÓRIA NAS *PRIMEIRAS ESTÓRIAS* DE GUIMARÃES ROSA

Vanessa Chiconeli LIPORACI¹

PACHECO, A. P. **Lugar do mito**: narrativa e processo social nas *Primeiras estórias* de Guimarães Rosa. São Paulo: Nankin, 2006.

Em *Lugar do mito*, resultado de uma extensa pesquisa de doutorado, Ana Paula Pacheco levanta questões de extrema importância que certamente permeiam as mais diversas leituras da obra rosiana. O livro é dividido em quatro capítulos que, segundo a autora em nota introdutória, foram organizados de acordo com as “tonalidades” que o entrecruzar de mito e História fornece aos contos. Sendo assim, os capítulos vão “[...] do aventureiro e do anedótico ao trágico, retornando, n’ ‘O espelho’, ao paroxismo da aventura mais recôndita –, sem perder de vista a maneira pela qual essas *estórias* figuram as dinâmicas da identidade pessoal e coletiva. (PACHECO, 2006, p.20).

É dessa forma que, já na nota introdutória, Pacheco apresenta os problemas que ocupam lugar central no desenvolvimento do trabalho: a revigoração do mito não apenas como remanescente arcaico no contexto de modernização apontado pelo livro, mas, sobretudo, como elemento constitutivo da modernidade do nosso país. Para que tal revivescência do mito se dê, sua representação na obra rosiana em questão é desenvolvida de três diferentes formas: como caminho ascendente rumo à libertação simbólica – principalmente no tempo da infância ou no contexto do encontro amoroso –; como avesso da libertação, quando ocorre o que Pacheco (2006, p.19) chama de “[...] paralisação do mito: interrogação sobre a própria possibilidade de simbolizar saídas”. É o que se ocorre, por exemplo, como atualização histórica do mito, em contos como “A benfazeja”, “A terceira margem do rio”, “Nada e a nossa condição” e “O espelho”; e, por fim, como mito degradado, que consiste em escapar às leis do mundo através da astúcia proveniente de desejos mais “rasteiros”.

No primeiro capítulo – “Encenações da existência” –, Pacheco refere-se aos contos inicial e final do livro – respectivamente “As margens da alegria” e “Os cimos” – como molduras temporais que remetem o leitor a um quadro histórico:

¹ Doutoranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – vanessachiconeli@yahoo.com.br.

a moderna reinvenção da realidade brasileira na década de 1950 e no início dos anos 60. No primeiro, a temática da infância vem sob a tônica da descoberta e da novidade que englobam, inclusive, a percepção da realidade prosaica com a morte do peru e o posterior encontro com o vaga-lume, momento em que a “[...] totalidade de um mundo que vence as sombras reduz-se ao instante, fulguração de infinito que o Menino, contudo, apreende.” (PACHECO, 2006, p.35). Trata-se, portanto, da possibilidade de retomar o que foi perdido. Já no segundo, a Mãe do Menino está doente e, sendo assim, tudo parece traiçoeiro aos seus olhos. As visitas de um tucano, em meio a tantos transtornos e incertezas, ensinam ao Menino “a sobrevivência e a gratuidade da beleza, a despeito da morte que espreita.” (PACHECO, 2006, p.37). Dentre as outras crianças presentes na obra de 62, destacam-se: Brejeirinha de “A partida do audaz navegante” e tudo aquilo que sua imaginação permite-lhe fazer e Nhinhinha com a concretização de suas ingênuas vontades. O que essas três personagens – o Menino, Brejeirinha e Nhinhinha – apresentam em comum é o fato de poderem, a partir “[...] da experiência de perdas efetivas, recriar um mundo mais satisfatório, em que carências e sofrimentos teriam compensação simbólica.” (PACHECO, 2006, p.44). Ainda como parte da vertente “poética idealizante” de *Primeiras histórias*, “Pirlimpsiquice” evidencia a distância entre a realidade em que se vive e a recriação simbólica do mundo pelo fato de o próprio narrador comentar a queda simbólica no final da representação que, segundo Pacheco, corresponde à consciência do perdido. Até esse ponto a obra transmite apenas uma idéia de desencantamento, todavia, ainda muito ligada à possibilidade de recriação. “Nenhum, nenhuma”, ao narrar a perda do essencial e a passagem para a vida adulta, anuncia que o universo que havia sido apresentado ao Menino já não possui a inteireza e a concretude do símbolo, mas sim “imagens simbólicas apagadas”, conduzindo o leitor a um não-tempo, desta vez desgastado pelo próprio curso do tempo. Também nesse caso, “[...] narrar pelo avesso o que foi perdido é, ainda com dificuldade, recuperar algo” (PACHECO, 2006, p.63). Esse conto encerra o primeiro grupo de narrativas analisadas pela autora como exemplares da mistura entre mito e romanesco empregada por Guimarães Rosa como resultado da percepção de momentos transitórios que trazem à tona – até aqui como pano de fundo – os prejuízos decorrentes da modernização brasileira.

A partir do segundo capítulo – “Anedotário político – a violência e seus meandros” – Pacheco trata de um outro grupo de narrativas, composto por “Famigerado”, “Os irmãos Dagobé”, “Fatalidade” e “Tarantão, meu patrão” nos quais a força mítico-mágica de muitos dos outros contos da obra deixa de atuar como força propulsora dos enredos e passa a revelar “[...] verdades de uma outra ordem, uma espécie de revelação desencantada que pouco parece dizer sobre o desejo [...] antes circunscrevendo-se à esfera política” (PACHECO, 2006, p.67).

Nesses contos, a violência é tematizada num tom anedótico capaz de provocar curiosidade e riso no leitor.

Em “Famigerado”, o embate entre voz da cidade e brutalidade do sertão deixa entrever a diminuição do jagunço diante da inacessível diferença entre força intelectual e força física. Apesar do tom anedótico, é apresentada uma outra faceta do mundo sertanejo, antes não muito exposta por Guimarães Rosa. Na estória d’ “Os irmãos Dagobé”, a morte de Damastor (símbolo do domínio do mando local), seguida da mudança de seus irmãos para a cidade, indicam o início da infiltração de uma outra ordem em que a vingança – violência direta – dá lugar à ordem moderna do dinheiro. “A figuração da cidade como destino dos Dagobés parece indicar um caminho rumo à ordenação civil da violência, uma travessia apenas anunciada.” (PACHECO, 2006, p. 84). Já em “Tarantão, meu patrão”, apesar de a narração ser realizada pelo olhar mitificador de Vagalume, fica evidente a separação entre a imaginação mítico romanesca e o chão histórico em que a travessia ocorre. O percurso mostra-se mais importante que o fim da viagem porque é na travessia que se evidenciam a compaixão e a delicadeza, sobretudo de pessoas pertencentes a classes sociais diferentes da de Tarantão, bem mais relevantes que o poder de fogo do patriarca. Aqui, ilusão romanesca se transforma em mero devaneio e, portanto, o poder dos patriarcas adquire significado menor no contexto histórico do livro de avanço do capital industrial. Por fim, em “Fatalidade”, o senso particular de justiça é o centro da discussão uma vez que o próprio delegado da cidade – que deveria ser símbolo da justiça institucionalizada – sugere que Zé Centeralfe resolva seus problemas com Herculinão com as próprias mãos. Segundo a autora, a necessidade de justificar legalmente um ato ilícito reflete uma certa civilidade no ato de transgredir, abrindo espaço para formas encobertas de violência com destaque para certa contenção, pelo menos aparente, da violência privada.

Segundo Pacheco (2006, p.101 e p.114), “[...] a própria dinâmica das narrativas sugere que a inspiração desses (não tão) novos ares provém de um aparente investimento civilizador que emana das cidades.” [...] “Entre a lei e o mando, a anedota, como vimos, parece rir dessa incapacidade histórica de nos ‘civilizarmos’.”

Os contos reunidos no terceiro capítulo – “Marcas do trágico – atos exorbitantes e trânsito social” – tematizam o despojamento e decisões que envolvem posse e privação. Ademais, neles se entrecruzam materiais literários da tragédia, materiais e enunciados formais míticos e materiais históricos que dão configuração literária a um processo social que, devido ao momento de transição, envolve diferentes modos de ver o mundo, uma vez que a expansão da racionalidade cidadina e o irracionalismo religioso ainda estão extremamente intrincados. Para a análise do sentimento do inescapável nas narrativas em questão, a autora adota o conceito de “trágico residual” que, segundo Raymond Williams (apud PACHECO, 2006,

p.123) consiste num “passado ainda ativo no processo cultural” [...] o “residual é, portanto, constitutivo do moderno em sua atualidade histórica”.

Em “A benfazeja”, Pacheco percorre o discurso do narrador e as vozes do grupo como um debate trágico, mesclando as ideias de justiça divina e justiça humana. Além disso, a autora aproxima a história de Retrupé à de Édipo uma vez que ambos carregam marcas de crianças malditas: a violência transmitida pelo sangue. N^o “A terceira margem do rio”, o trágico representa a paralisia e, assim como se dá em “A benfazeja”, não há abertura para um instante libertador, pelo contrário, parece abrir-se apenas para o sentido oposto ao da renovação: voltar ao rio significa abandonar o desenvolvimento, voltar à natureza, interromper o fluxo das mudanças e interrogar a ordem. Em “Substância”, “Sequência”, “Um moço muito branco” e “Luas-de-mel”, as contradições se resolvem na experiência transcendente, ou seja, em meio ao espaço degradado instaura-se o tempo mítico. Todavia, em “Soroco, sua mãe, sua filha”, não são instauradas as lentes do tempo mítico e a idéia de fatalidade estende-se ao modo de ver aquilo que chega em auxílio e para desgraça do herói impotente: “[...] o vagão de última linha, vindo do centro (Rio de Janeiro), é metonímia da modernidade que aparece como algo de fora, que ali se unirá ao trem sertanejo numa imagem de composição desigual e opressiva (o carro moderno tem janelas com grades).” (PACHECO, 2006, p.181). Segundo Ana Paula Pacheco (2006, p.114), “Nada e a nossa condição” ilustra mais uma faceta da moldura temporal do livro por fazer lembrar a retirada do capital do campo para a cidade, deixando o primeiro na miséria, como resultado da rápida modernização brasileira durante o período J.K. A doação de terras idealizada por Man^o Antônio em meio a um universo conservador, ameaça romper com a estratificação das classes sociais, mas também acaba por aflorar consciência e revolta pelo fato de ele mesmo não querer perder o poder de patriarca: exemplo claro de reforma que desorganiza apenas a “epiderme dos privilégios de classe.”

Por fim, no último capítulo – “As formas do espelho – dilemas da representação”, a autora trata do conto intitulado “O espelho”, a única narrativa que se passa, de fato, na cidade grande. Neste texto especular, o narrador relaciona a possibilidade de encontro de uma face “verdadeira” com busca da essência do ser, desapegada das máscaras sociais, mas, ao mesmo tempo, decorrente da atualização daquela essência primeira. É nesse sentido que a autora trabalha também a questão do duplo e da necessidade de criação e manutenção de uma identidade que, possivelmente, fará com que a subjetividade seja vislumbrada. Segundo a autora, essa narrativa ocupa lugar central em *Primeiras estórias* pelo fato de relatar “[...] um momento de vislumbre da subjetividade – mas ainda sem contornos – em algum lugar onde historicamente ela não tem muita chance de se construir.” (PACHECO, 2006, p.256), daí a recorrência do mito nas outras narrativas como busca de um sentido de integração perdido no cotidiano. ■ ■ ■